



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

CURSO: Letras

TÍTULO do Projeto de Pesquisa:
Performatividade, desejos e práticas sexuais: (re)produção e desestabilização de cisheteronormatividades

GRUPO DE PESQUISA: Literatura e Linguagens: fronteira, espaço, performance, memória.

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Elizabeth Sara Lewis

REGIME DE TRABALHO: 40h/DE

ÁREA DE CONHECIMENTO: Linguística, Letras e Artes / Linguística Aplicada

EQUIPE ENVOLVIDA: Janaina Gonçalves da Rocha, João dos Santos Ronsini, Vicente de Paiva Paschoal Guimarães Pessôa

Rio de Janeiro – RJ
julho / 2020

Resumo

O presente projeto de pesquisa se propõe a examinar a (re)produção de discursos cisheteronormativos sobre gêneros e sexualidades e maneiras de desestabilizar, ressignificar e subverter tais discursos limitadores. Nosso trabalho será guiado por um posicionamento *queer* que vê os gêneros e as sexualidades como performances identitárias e não fatos naturais (BUTLER, [1990] 2012, [1993] 2019) e uma perspectiva linguística que considera as interações online como maneiras de intervir no social para mudar (ou reiterar) discursos ideológicos normatizantes e estigmatizantes (MOITA LOPES, 2008). Assim, o projeto se insere nas áreas da Linguística *Queer* (LÍVIA & HALL, 1997; BORBA, 2015; LEWIS, 2018), por estudar criticamente a cisheteronormatividade através de uma perspectiva linguística, e da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006, 2009a, 2009b), por procurar criar inteligibilidades sobre questões sociais nas quais a linguagem tem um papel fundamental na (luta contra a) marginalização de certos grupos. A presente pesquisa focará em sites e aplicativos de encontros voltados não para o público em geral, mas para pessoas com certos desejos específicos. Um desses é o DinkyOne, voltado para indivíduos com pênis pequeno e pessoas que procuram parceiros sexuais com esta característica. Dada a valorização ideológica do pênis grande enquanto “indicador” de masculinidade e virilidade (VIGARELLO, [2012] 2013) e mitos que insistem que um pênis de tamanho maior sempre resultará em mais prazer sexual para x parceiros (FURLANI, 2009), o DinkyOne oferece a possibilidade de desestabilizar a masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, [2005] 2013) e certos discursos ideológicos cisheteronormativos e racializados. Pretendemos realizar uma etnografia virtual (HINE, 2000, 2005) na plataforma, examinando as performances identitárias dxs usuárixs nos seus perfis e interações, com a realização de entrevistas através do chat. O objetivo principal do presente projeto é, portanto, estudar as performances identitárias das pessoas que usam o site/aplicativo, concentrando-nos sobre os momentos de (re)produção e desestabilização de discursos ideológicos cisheteronormativos, em particular na discussão de como essas pessoas lidam com preconceitos por ter ou preferir parceiros com pênis pequeno. Assim, visamos contribuir para uma maior compreensão sobre como desestabilizar o ideal da masculinidade hegemônica em nossa sociedade cisheteronormativa.

Palavras-chave: performatividade, masculinidades, estereótipos, corpo, sites/aplicativos de encontros

1. Introdução

O presente projeto de pesquisa se propõe a examinar a (re)produção de discursos cisheteronormativos¹ sobre gêneros e sexualidades e maneiras de desestabilizar, ressignificar e subverter tais discursos limitadores. Nosso trabalho será guiado por um posicionamento *queer*² que vê os gêneros e as sexualidades como performances identitárias e não fatos naturais (BUTLER, [1990] 2012, [1993] 2019) e uma perspectiva linguística que considera as interações online como maneiras de intervir no social para mudar (ou reiterar) discursos ideológicos normatizantes e estigmatizantes (MOITA LOPES, 2008). A internet oferece possibilidades para novas conexões e interações sociais e permite aos indivíduos performarem identidades diferentes. Abre mais espaço para novas possibilidades sexuais ou para velhas práticas e desejos “tabus” que antes eram invisibilizados (RUSSELL, 2011; MOITA LOPES, 2012). Com isso, as falas que circulam na internet podem contribuir para subverter e mudar certos discursos cisheteronormativos. Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que a internet também pode ser um lugar de reiteração de estereótipos, preconceitos e discursos normativos. No presente projeto, pretendemos estudar momentos de (re)produção e desestabilização de cisheteronormatividades, em particular a masculinidade

1 A cisheteronormatividade é uma ordem com regras que naturalizam a heterossexualidade e a cisgeneridade (se identificar com o gênero que foi designado ao nascer) como as maneiras ‘normais’ e ‘certas’ de viver a sexualidade e o gênero, respectivamente (LEWIS, 2017; VERGUEIRO, 2017).

2 A palavra *queer* vem da língua inglesa. No passado significava “estranho”, mas com o decorrer do tempo começou a ser usada como uma palavra depreciativa para falar, em particular, de pessoas homossexuais, mas também de qualquer pessoa cujos desejos, práticas sexuais e/ou performances de gênero não se encaixavam na norma heterossexual. Mais tarde, foi reapropriada por movimentos sociais para sublinhar que ser diferente da norma heterossexual não era anormal e deveria ser respeitado. Posteriormente, emprestou seu nome a uma corrente teórica que emergiu nos Estados Unidos ao início dos anos 1990.

hegemônica³ (CONNELL; MESSERSCHMIDT, [2005] 2013), em espaços online, especialmente em sites e aplicativos para encontros⁴.

Desde os anos 1990 sites para encontros têm proliferado (LEE, 2016), e nos últimos dez anos, com o uso massivo do *smartphone*, temos visto o surgimento de diversos aplicativos geolocalizados para procura de relacionamentos e/ou parceiros⁵ sexuais. Ultimamente, têm surgido plataformas específicas voltadas para pessoas com certos desejos. Um desses é o DinkyOne (<https://dinkyone.niche.dating/>), lançado em março de 2020 e disponível para acesso como site ou como aplicativo. O DinkyOne, de acordo com a descrição na sua página web, é um “Small penis dating site” (“site de encontros de pênis pequeno”) cujo lema é “Connecting those with a smaller penis to those who prefer one” (“conectando quem tem pênis pequeno a quem os prefere”). O foco do DinkyOne pode surpreender, pois há séculos, existe uma valorização ideológica do pênis grande enquanto “indicador” de masculinidade e virilidade (VIGARELLO, [2012] 2013) e mitos que insistem que um pênis de tamanho maior sempre resultará em mais prazer sexual para x parceiros (FURLANI, 2009). Em sites e aplicativos de encontros, frequentemente “[o] pênis funciona como metonímia do corpo do outro, e um signo que aponta diretamente para o prazer, perseguindo a lógica do quanto mais e maior, melhor” (BONFANTE, 2016, p. 270). Optamos por focar, pelo menos inicialmente, no DinkyOne porque possibilita desestabilizar tais lógicas da masculinidade hegemônica, que (con)fundem virilidade e tamanho grande do pênis, e tem o potencial de contribuir para combater o estigma social do membro pequeno, um tipo de *body-shaming*⁶. Examinaremos as performances identitárias das pessoas que utilizam a plataforma, concentrando-nos sobre os momentos de subversão e reforço de discursos ideológicos cisheteronormativos.

A presente pesquisa tem como ponto de partida a visão das Teorias *Queer*⁷ de que os gêneros, sexualidades e categorias raciais são dinâmicas e coconstruídas performativamente na linguagem e nas interações, em vez de serem expressões de alguma essência natural, inata e estável (BUTLER,

3 A masculinidade hegemônica é um conceito que surgiu nos anos 1980 com o intuito de criticar a ideia de “papeis masculinos” que era vigente nos anos 1970; procurava mostrar como as masculinidades se situam em relações de poder múltiplas. É “um padrão de práticas (*i.e.*, coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, [2005] 2013, p. 245). Embora não todos os homens adotem (sempre) performances de masculinidade hegemônica, “[...] certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, [2005] 2013, p. 245). Ao mesmo tempo, apesar de sua força normativa, é importante lembrar que a masculinidade hegemônica não é fixa, nem trans-histórica, nem igual em todas as culturas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, [2005] 2013).

4 Usamos “encontros” no sentido amplo, reconhecendo que as pessoas que utilizam esses sites e aplicativos o fazem por motivos diferentes, desde a procura de relacionamentos à procura de parceiros sexuais.

5 O uso do “x” em palavras como “parceirxs”, “xs” e “elxs” é um posicionamento crítico contra o binário homem/mulher e uma tentativa de desestabilizá-lo. Se bem que seja possível evitar o masculino genérico através da dupla flexão do gênero (e.g. “parceiros/as”, “os/as”, “eles/as”), esta alternativa ainda reifica a naturalização dos sexos e o binário homem/mulher. O “x” não tem gênero, portanto, inclui performances de gênero que se situam entre os extremos deste binário ou vão além dele, assim contribuindo para subverter o binário em si. Desta maneira, seu uso é consoante com a perspectiva teórica *queer* empregada no presente projeto de pesquisa.

6 *Body-shaming* pode ser traduzido como vexação-do-corpo, ou seja, fazer com que alguém sinta vergonha por alguma característica do seu corpo.

7 Aqui falamos de Teorias *Queer* no plural, pois ao se espalhar pelo mundo, a teoria “inicial” tomou trajetórias diferentes, e foi modificada, repensada e criticada nas produções locais de diversos países.

[1990] 2012, [1993] 2019; MELO; MOITA LOPES, 2014). Também partimos do pressuposto da interseccionalidade de que as categorias de gênero, sexualidade, raça, classe etc. não são simplesmente variáveis que às vezes se cruzam, mas configurações de subjetividade que se desenvolvem de modo totalmente interdependente (VERGUEIRO, 2017). Em outras palavras, a sexualidade é sempre racializada (e generificada, influenciada por classe social etc.), a raça é sempre sexualizada (e generificada, influenciada por classe social etc.) e assim por diante.

Para entender como as categorias identitárias acima mencionadas são (re)produzidas e naturalizadas, precisamos entender o conceito de *performatividade*, o aspecto das Teorias *Queer* mais caro a este projeto de pesquisa. Consoante Judith Butler ([1990] 2012, [1993] 2019), as identidades de gênero e sexualidade são constituídas no decorrer do tempo através de o que uma pessoa faz e diz repetidamente. As pessoas acabam produzindo o que supostamente só descrevem ou nomeiam. Porém, estas performances discursivas repetidas são limitadas dentro de um sistema de restrições sociais: a *matriz cisheteronormativa*. Esta matriz exige que o sexo e o gênero de uma pessoa se alinhem e que essa pessoa sinta desejo sexual e afetividade por pessoas do gênero “oposto”, marginalizando os indivíduos que não se alinham desse modo. Porém, ela não produz simples e mecanicamente somente pessoas cisheterossexuais.

[E]ssa matriz excludente pela qual os sujeitos são formados requer a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo do domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. (BUTLER, [1993] 2019, p. 18)

Desta maneira, não é uma simples questão de a norma produzir seres abjetos; a existência de seres que não se encaixam na norma é necessária para a existência da própria norma⁸. Porém, muitas pessoas que aparentemente se alinham na maneira prescrita pela matriz cisheteronormativa também sofrem discriminações devido a certos desejos, práticas sexuais, performances de gênero, corporalidades etc. consideradas “fora da norma”. Podemos pensar em diversos exemplos, desde trabalhadorxs do sexo, a mulheres que preferem não ter filhos, a sadomasoquistas, a homens que são heterossexuais, mas que performam uma masculinidade não hegemônica. Esses últimos, por diversas razões, desde não falar constantemente sobre suas conquistas sexuais, a ter atitudes pró-feministas, a falar abertamente sobre ‘tabus’ como impotência ou ter o pênis pequeno, também podem sofrer preconceitos e sanções sociais.

Em relação à questão do tamanho do pênis, ele tem “enorme significado na conferência de um *status* de masculinidade, virilidade e conseqüentemente, valor, poder e respeito social” (FURLANI,

8 Em trabalhos posteriores, Butler ([2005] 2015, [2009] 2015, [2015] 2018) expande suas teorizações sobre os seres abjetos, reconhecendo que não somente pessoas não-cisgêneras e não-heterossexuais são marginalizadas pela norma, mas também pessoas cujas existências são vistas como vidas que ‘não importam’ na sociedade normativa: pessoas em situação de rua, prisioneirxs de guerra, e assim por diante. Dessa maneira, vemos uma mudança, uma ampliação: a filósofa ainda frisa a importância da repetição de normas no processo de criação de sujeitos, mas fala sobre normas que produzem sujeitos (inteligíveis e reconhecíveis) em geral, em vez de focar somente na produção de sujeitos generificados e sexualizados.

2009, p. 54). A questão racial também é de suma importância, pois certos mitos sobre o tamanho do pênis estão atrelados a estereótipos racializados, por exemplo, a hipersexualização de homens negros (MELO; MOITA LOPES, 2014), que envolve o estereótipo que todo homem negro teria um pênis grande, e a hipossexualização de homens asiáticos, que inclui o estereótipo que todo homem asiático teria o pênis pequeno. Michael Kimmel (2017, p. 51, 257) chama essa dupla movimentação racializada de hiper- e hipossexualização de “o dilema de Cachinhos de Ouro”, pois a masculinidade branca é reproduzida como aquela com as proporções ‘certas’, enquanto as masculinidades não brancas são vistas como excessivas ou não suficientes. Assim, mesmo os homens que performam masculinidades não- ou menos hegemônicas ficam subordinados à masculinidade hegemônica (branca). Ao mesmo tempo, é importante lembrar que “[h]omens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, [2005] 2013, p. 245) e que, por mais que alguns tentem e consigam se distanciar da masculinidade hegemônica, podem ainda se beneficiar dos privilégios de ser homens, particularmente quando cisgêneros e heterossexuais. De qualquer maneira, é importante reconhecer que a matriz cisheteronormativa não exige simplesmente o alinhamento sexo-gênero-desejo, mas certas performances de gênero e desejo realizadas dentro de certos padrões cisheteronormativos e racializados.

Não somente esses pressupostos das Teorias *Queer* em geral, mas também a visão da Linguística *Queer* (LÍVIA; HALL, 1997; BORBA, 2015; LEWIS, 2018), especificamente, é de suma importância para o presente projeto. Ao longo dos anos, as Teorias *Queer* têm se expandido e têm sido aplicadas a múltiplas disciplinas incluindo, mais recentemente, a Linguística. Devido à sua insistência na importância do discurso e a ênfase na teoria da performatividade butleriana, podemos dizer que as Teorias *Queer* sempre tiveram uma forte base linguística; porém, o campo específico da Linguística *Queer* (LQ, doravante) foi inaugurado depois da segunda metade dos anos 1990 com a publicação do livro *Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality*, organizado por Ana Livia e Kira Hall (1997). Num primeiro momento, ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a LQ podia ser caracterizada como o estudo da linguagem permeada pelas ideias das Teorias *Queer*. De acordo com Rodrigo Borba (2015, p. 93), nesta primeira fase “[e]studava-se, assim, como pessoas que, por suas vivências sexuais e corporais, relegadas à zona de ininteligibilidade social, faziam uso estratégico de códigos linguísticos dissonantes na negociação de suas identidades e de sua existência cultural”. Nos últimos dez anos, a LQ tem passado para uma segunda fase, uma mais focada em olhar, criticamente, para a cisheteronormatividade e como ela é (re)produzida e/ou subvertida discursivamente. De acordo com Borba (2015, p. 94),

[p]assou-se, então, a investigar como discursos (no sentido foucaultiano de práticas que produzem os objetos dos quais falam) deixam traços na língua, possibilitam a ação social e são, na performance linguística, sustentados ou subvertidos. Ou seja, a linguística *queer* tem

se configurado como uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada e tem-se mostrado, assim, como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macro-sociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos, inferiores ou patológicos são sustentados e/ou desafiados nos detalhes mais ínfimos de nossa vida social, notadamente, a linguagem-em-uso.

Por estudar criticamente a cisheteronormatividade através de uma visão linguística permeada por conceitos das Teorias *Queer*, como a performatividade e a matriz cisheteronormativa de Butler, o presente projeto de pesquisa certamente se encaixa na segunda fase da LQ. Ao mesmo tempo, os estudos sobre construções identitárias se prestam particularmente a uma hibridização teórica e metodológica (NEUMANN, 1997). Assim, nosso projeto se insere não somente no campo da Linguística *Queer*, mas também naquele da Linguística Aplicada (LA, doravante), em particular em suas versões inter-, trans- e indisciplinadas. De acordo com Moita Lopes (2006, p. 14), esses tipos de LA procuram “criar inteligibilidades sobre problemas sociais nos quais a linguagem tem papel central” e propor alternativas para as pessoas que sofrem diversas marginalizações. Assim, prevalece neles a visão de que fazer pesquisa é fazer política. É importante que se possa vislumbrar “novas possibilidades para a vida social [...] que possam de alguma forma questionar práticas sociais naturalizadas e, principalmente, colaborar na construção de alternativas para o sofrimento humano” (MOITA LOPES, 2009b, p. 38).

O fato de questionar ideias e práticas sociais naturalizadas é uma das características que a LA e a LQ têm em comum. Outra é a preocupação com “vidas vivíveis”, para usar a terminologia de Butler. A LQ investiga como certos indivíduos são produzidos, discursivamente, como seres abjetos; a LA (Indisciplinar) insiste na importância da responsabilidade social e se preocupa com como usos da linguagem marginalizam certos sujeitos. O que a LA (Indisciplinar) acrescenta à LQ, portanto, é um tipo diferente de ênfase na mudança social: a ênfase não somente em criar inteligibilidades sobre problemas sociais envolvendo a linguagem, mas também em “colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem” (MOITA LOPES, 2006, p. 86).

2. Objetivos

O objetivo geral do presente projeto de pesquisa é de estudar os discursos de pessoas que performam e/ou defendem masculinidades não hegemônicas, visando melhor compreender como desestabilizam ou (re)produzem a cisheteronormatividade, em particular no que diz respeito à valorização do pênis grande. Este objetivo geral se desdobra em dois objetivos específicos:

1. Analisar quais os discursos cisheteronormativos que xs usuárixs das plataformas online subvertem e/ou reforçam nas suas performances identitárias e nas suas táticas discursivas

para lidar com preconceitos contra indivíduos que têm pênis pequeno⁹ e/ou que performam masculinidades não hegemônicas.

2. Investigar como as particularidades do âmbito digital influenciam as interações, performances identitárias e táticas discursivas, refletindo sobre os limites da subversão performativa de discursos cisheteronormativos.

3. Relevância Científica

A investigação proposta tem relevância tanto de ordem teórico-acadêmica quanto de ordem social. Em relação à primeira, a pesquisa visa a preencher duas lacunas importantes, uma nos Estudos *Queer* e uma na literatura sobre sites e aplicativos de encontros. A primeira lacuna é composta por duas falhas importantes nos Estudos *Queer*: uma tendência a privilegiar estudos sobre a homossexualidade masculina e uma falta de estudos sobre práticas sexuais e desejos específicos. Primeiramente, embora as Teorias *Queer* ofereçam as bases para questionar a naturalização do sexo, gênero e sexualidade e desestabilizar visões normativas e limitadoras, a maioria dos estudos continua a privilegiar o desejo homossexual, reforçando uma “norma homossexual oculta na teoria *queer*”¹⁰ (GUSTAVSON, 2009, p. 414; ver também ERICKSON-SCHROTH; MITCHELL, 2009; LEWIS, 2016a, 2016b). A Linguística *Queer* parece ter avançado nesse aspecto, pois há uma maior proporção de estudos sobre lésbicas e alguns sobre pessoas bissexuais; ao mesmo tempo, as heterossexualidades continuam sendo menos analisadas e há poucos estudos sobre maneiras de pensar a sexualidade para além dessas categorias (LEWIS, 2018). De fato, apesar de as Teorias *Queer* proporcionarem as bases para pensar a sexualidade e o desejo para além de categorias baseadas no gênero dx(s) parceirx(s), com frequência acabam por reforçar tais categorias mais do que desestabilizá-las. Não estamos dizendo que essas categorias não devam ser estudadas; de fato, fazem parte integral da maneira atual de apreender a sexualidade, e com certeza serão relevantes para xs participantes do presente projeto de pesquisa. O que estamos afirmando é que precisamos prestar mais atenção a outras maneiras de pensar a sexualidade e, quando optamos por estudar as categorizações mais comuns, olhar de maneira mais minuciosa para reiteraões e subversões de discursos cisheteronormativos.

Segundo, outra falha nas Teorias *Queer*, evidenciada por Jack Halberstam, dialoga com a questão da norma homossexual oculta e a necessidade de pensar as sexualidades de outra maneira. A partir de uma inquietação sobre como as Teorias *Queer* se colocam tão poucas vezes a questão de como transamos e o que pensamos quando transamos, Halberstam ([1997] 2008, p. 138) observa que isso “expõe a necessidade da existência de projetos descritivos *queer* sobre o sexo que mostrem que a diferença somente é visível por meio dos detalhes e das especificidades das práticas sexuais”.

9 Falamos em “indivíduos” ou “pessoas” com pênis em vez de “homens” devido ao posicionamento *queer* do presente projeto de pesquisa. Consoante essa visão, reconhecemos que existem mulheres com pênis, homens sem pênis, pessoas não-binárias com ou sem pênis e assim por diante; portanto é importante falar em “pessoas/indivíduos com pênis” e não somente “homens”.

10 Todas as traduções são nossas se não indicado diversamente nas referências.

Halberstam insiste também na necessidade de não universalizar as experiências gays e lésbicas a partir de definições brancas. Esta ideia é importante, embora possa se beneficiar de certa ampliação: é mister não universalizar as experiências de qualquer grupo (não somente as de gays e lésbicas) a partir de definições não apenas brancas, mas brancas, cristãs, de classe média. De acordo com Halberstam ([1997] 2008, p. 141):

Obviamente, um discurso sobre os atos [sexuais] por si mesmo realmente não vai resolver o problema do heterossexismo ou o da homofobia desenfreada. Nem vai nos afastar do mundo das identidades sexuais. Porém, pode mostrar cenas sexuais e práticas sexuais e identificações de prazer que frequentemente são invisibilizadas pelo contínuo homossexual-heterossexual. Saber o que as pessoas fazem sexualmente e, além disso, conhecer que tipo de discurso erótico usam para descrever o que fazem sexualmente pode ajudar a reescrever as teorias psicanalíticas do desejo e as teorias científicas sobre a sexualidade.

O presente projeto de pesquisa pretende contribuir para preencher essas duas falhas inter-relacionadas. Primeiro, esperamos combater a norma homossexual oculta nas Teorias *Queer* ao olhar para os discursos de pessoas de uma variedade de sexualidades, incluindo indivíduos bissexuais e heterossexuais. Segundo, pensando nas questões levantadas por Halberstam, olharemos para discursos sobre desejos, práticas e preferências sexuais específicas de pessoas que têm pênis pequeno ou procuram relações afetivo-sexuais com indivíduos com pênis pequeno, focando em reiteraões e subversões de discursos cisheteronormativos racializados.

A segunda lacuna de ordem teórico-acadêmica é a falta de pesquisas dedicadas não somente a desconstruir a valorização ideológica do pênis grande, mas também a focar nos efeitos dessa valorização em pessoas com pênis pequeno, em particular no que diz respeito a âmbitos online. Nos últimos anos, têm proliferado pesquisas sobre aplicativos e sites de encontros. Algumas dessas pesquisas olham para padrões de masculinidade (hegemônica), comentando em particular sites e aplicativos voltados para homens que procuram relações sexuais com homens, e como xs usuárixs tendem a valorizar masculinidades cisheteronormativas e espalham reiteradamente preconceitos contra homens “efeminados” (WARD, 2008, 2015; NOGUEIRA, 2015; BONFANTE, 2016; COUTO et al., 2016; MISKOLCI, 2017; SANTOS, 2017; ROCHA; COELHO, 2018). Algumas dessas pesquisas mostram também a valorização do pênis grande, seja nas descrições de si que indicam o tamanho do membro, seja pela procura frequente para parceirxs com pênis grande. Bonfante (2016, p. 271), por exemplo, afirma: “[o] pênis grande como atributo é não apenas mencionado nos perfis como estratégia de se apresentar como objetos de desejo [...], mas é também orientador da semiose do macho [...]”. Porém, nenhuma dessas pesquisas menciona uma procura por parceirxs com pênis pequeno, e como o DinkyOne foi lançado em março de 2020, ainda não há pesquisas publicadas sobre essa plataforma em particular.

No que diz respeito à relevância social da pesquisa, como mencionamos anteriormente, nos discursos cisheteronormativos, ter o pênis pequeno é visto como uma falta de masculinidade e virilidade (VIGARELLO, [2012] 2013), o que resulta em preconceitos e *body-shaming*. Por seus

corpos não se encaixarem nas expectativas cisheteronormativas para masculinidade, as pessoas com pênis pequeno podem acabar sendo vistas como “seres abjetos”, para usar a terminologia de Butler ([1993] 2019). Adicionalmente, há mitos que insistem que um pênis de tamanho maior sempre resultará em mais prazer sexual para x parceirx (FURLANI, 2009), o que invisibiliza outros discursos sobre preferências para tamanhos menores. Ao estudar como pessoas com pênis pequeno constroem suas identidades e lidam com preconceitos, e como pessoas que preferem ter relações sexuais com esses indivíduos constroem suas identidades e seus desejos, espera-se contribuir para problematizar a valorização cisheteronormativa do pênis grande e combater o preconceito. Isso pode minar as limitações impostas pela matriz cisheteronormativa, fazendo com que um leque maior de performances identitárias, preferências sexuais e desejos seja aberto a todxs.

4. Metodologia

Para iniciar, é importante frisar que os dois campos nos quais o presente projeto de pesquisa se insere, a Linguística *Queer* e a Linguística Aplicada, não exigem uma metodologia fixa. A LQ encoraja xs pesquisadorxs a incorporarem várias abordagens para criar uma que é híbrida e adequada ao objeto de estudo (HARRINGTON et al., 2008). Isso dialoga muito bem com a LA Indisciplinar, que almeja estudos disciplinarmente mestiços e híbridos, dialogando em particular com teorias que falem à vida social (MOITA LOPES, 2006, 2009a, 2009b). Assim, ambos os campos valorizam a adaptação ao tema de estudo e às novidades que surgirem durante a pesquisa.

Propomos iniciar a pesquisa com a leitura de livros e artigos que (1) abordem as questões centrais da investigação proposta (performatividade, desejos que fogem à cisheteronormatividade, origens sócio-históricas da valorização do pênis grande etc.), (2) aprofundem e atualizem nosso conhecimento dos campos em que a investigação se insere e (3) possam oferecer ferramentas metodológicas e analíticas interessantes para a geração e análise dos dados.

Em seguida, pretendemos aproveitar as novas oportunidades proporcionadas pela internet para conexões, performances identitárias e discussões de práticas sexuais e desejos antes invisibilizados e/ou vistos como ‘anormais’, realizando uma etnografia virtual¹¹ (HINE, 2000, 2005). Pretendemos começar no site/aplicativo DinkyOne (1ª etapa da etnografia virtual, conforme o cronograma) e, depois, expandir para outros sites, aplicativos, blogs e/ou comunidades online relacionadas à desconstrução da valorização do pênis grande e da masculinidade hegemônica (2ª etapa). Uma das possibilidades para a expansão da pesquisa é a página do Facebook intitulada “Nenhum pau é pequeno demais para ser amado”, que publica memes com o intuito de combater o preconceito contra

11 É importante ressaltar que não entendemos “virtual” no sentido de “irreal”, mas no sentido de “digital” ou “online”, reconhecendo que hoje em dia os mundos off-line e online estão imbricados de modo inseparável e afirmando que o mundo online não é menos real do que o mundo off-line. Optamos por manter o termo “etnografia virtual” em parte devido a seu uso frequente na literatura (HINE, 2000, 2005) e em parte para chamar atenção ao fato deste tipo de pesquisa ter certas características e questões éticas particulares. Vemos a etnografia virtual como uma abordagem particular entre tantas abordagens diferentes de etnografia.

o pênis pequeno. Outras possibilidades serão levantadas durante a primeira etapa da pesquisa, conforme o cronograma.

Para fazer jus às complexidades éticas, é necessário nos delongarmos sobre a questão da etnografia virtual. Etnografias tradicionais envolviam o deslocamento dx etnógrafx para algum local físico e interação face-a-face (não mediada por computador) com xs “informantes”. Isso acabava reforçando “a ideia de cultura como algo que existe em e é delimitada por espaços físicos” (HINE, 2000, p. 58). Esta tendência, porém, começou a mudar graças a outras visões da etnografia, como os estudos da migração envolvendo etnografias multi-situadas (MARCUS, 1995), embora ainda colocando ênfase em locais físicos. Uma etnografia virtual, portanto, envolve repensar noções tradicionais de espacialidade para incluir localizações não físicas (ou pelo menos com fisicalidades diferentes) (LEANDER; MCKIM, 2003). Christine Hine (2000) propõe pensar a etnografia virtual como uma “etnografia conectiva” que se interessa por aquilo que as pessoas estão fazendo nas suas interações online, olhando para o que seus atravessamentos do espaço significam para elas e o que fazem com tais atravessamentos.

Em relação à questão das interações no âmbito online não se caracterizarem pela comunicação face-a-face típica em etnografias mais tradicionais, Hine levanta várias questões práticas e éticas. Primeiro, assevera que embora a etnografia virtual não envolva comunicação face-a-face, o tipo de comunicação que estuda é de fato etnograficamente disponível e deve ser considerada interação social. A autora descarta a necessidade de conhecer xs usuárixs fora do espaço digital, pois:

Muitos habitantes do ciberespaço [...] nunca se conheceram face-a-face e não têm a intenção de fazê-lo. Instigar encontros face-a-face nesta situação colocaria o etnógrafo em uma posição assimétrica, usando meios de comunicação diferentes e mais variadas para entender os informantes do que aqueles que são usados pelos próprios informantes. (HINE, 2000, p. 48)

Comentando os trabalhos de outrxs etnógrafxs que procuraram conhecer xs “informantes” off-line, Hine observa um paradoxo: embora certas pessoas achem que tal atividade dá um ar de “autenticidade” à pesquisa,

também pode ameaçar a autenticidade experiencial que vem do objetivo de entender o mundo como é para os informantes. Ao invés de aceitar a comunicação face-a-face como inerentemente melhor para a etnografia, uma abordagem mais cética e simétrica sugere que [a comunicação face-a-face] deve ser usada com cuidado e com uma sensibilidade para como os informantes a usam. (HINE, 2000, p. 49)

Desta maneira, não pretendemos tentar conhecer fora do âmbito digital xs participantes da pesquisa, mas interagir com elxs dentro dos padrões dos espaços online, e.g. enviar mensagens eletrônicas via a plataforma, sempre nos identificando como pesquisadora e deixando claro o tema e as pretensões da pesquisa. Assim, em vez de usar formulários impressos tradicionais de consentimento, que obrigariam xs usuárixs a se identificarem com seus nomes e informações pessoais reais, eventualmente ferindo seu desejo de preservar completamente o anonimato, pretendemos pedir consentimento dentro dos moldes da interação online. No caso do DinkyOne,

como xs usuárixs trocam mensagens via o chat disponibilizado pela plataforma, isso será feito via mensagem eletrônica. Primeiro enviaremos mensagens explicando a pesquisa, incluindo os riscos e benefícios explanados nas seções “Riscos” e “Benefícios” do presente projeto de pesquisa, e os direitos elencados no Cap. III, Art. 9º da Resolução N° 510/2016, e perguntando se o/a usuário/a tem dúvidas. Depois, ofereceremos esclarecimentos sobre a pesquisa, a participação, os riscos e benefícios, os direitos etc. Por fim, caso o/a usuário/a optar por participar, enviaremos uma mensagem padrão garantindo o anonimato da pessoa, pedindo permissão para usar os dados, e lembrando que ela pode mudar de opinião e desistir em qualquer momento da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Se x usuárix der permissão, manteremos isso registrado através de captura de tela, mas a permissão não será publicizada, a fim de manter o anonimato dx participante e garantir a confidencialidade das informações pessoais. Após x participante dar permissão, as entrevistas semi-estruturadas também serão realizadas via mensagem no chat (ver roteiro nos anexos). Por fim, após analisar os dados, nas publicações relacionadas à pesquisa, será também importante mudar os nomes dxs participantes, mesmo se já forem pseudônimos ou *nicks*, para evitar que os indivíduos sejam identificados e rastreados.

Segundo, Hine considera o fenômeno do *lurking*. No contexto da web, umx *lurker* é “alguém que lê as mensagens postadas em um fórum público, como em um grupo de discussão, mas que não responde ao grupo” (HINE, 2000, p. 160). O fenômeno do *lurking* levanta questões éticas relacionadas à modalidade de atividade dx etnógrafx no seu campo digital. Apesar de um interesse crescente nestas questões desde os anos 1990, a academia está longe de chegar a um consenso sobre se/como xs pesquisadorxs devem se apresentar (HINE, 2000; SANDERS, 2005). Talvez o único consenso seja que as decisões sobre a ética da pesquisa devem ser tomadas com base no contexto específico da pesquisa e dependem da sensibilidade dx pesquisadorx ao campo pesquisado (RUTTER; SMITH, 2005, p. 90).

Teela Sanders (2005), por um lado, considera aceitável a observação não participativa dx pesquisadorx. A autora afirma uma necessidade de não somente se preocupar com xs usuárixs dos âmbitos virtuais pesquisados, mas também com a segurança dx pesquisadorx, observando que é difícil prever “as repercussões negativas de uma pessoa revelar sua identidade profissional e detalhes de contato [...] no mundo do ciberespaço, que é predominantemente dominado por homens, agressivo e anônimo” (2005, p. 71).

Hine, por outro lado, acha eticamente questionável a ideia de observação não participante. Em um primeiro momento, reconhece que mesmo em etnografias não virtuais, é possível x etnógrafx participar de uma maneira mais velada nas atividades cotidianas das pessoas. Porém, em um segundo momento, assevera que x etnógrafx virtual tem a “possibilidade” de fazer *lurking* de uma maneira muito mais oculta e problemática, pois “[u]m observador que talvez esteja fisicamente visível e

marcado como diferente em um cenário face-a-face, mesmo quando ele permanece em silêncio, pode simplesmente fundir-se de maneira invisível com todos os outros *lurkers* em um âmbito virtual” (HINE, 2000, p. 48). Portanto, “participar de um grupo de discussão sem revelar seu papel como pesquisador apresentaria, como em todos os casos de etnografia oculta, um problema ético considerável” (HINE, 2000, p. 23). Aqui, acreditamos que um breve período de observação não participante é aceitável, a fim de entender o funcionamento da plataforma online e os padrões de comunicação, para não fazer uma comunicação inicial que destoe desses padrões e eventualmente cause atrito. Porém, esse período precisará ser breve, pois se identificar como pesquisadorx é fundamental.

É neste ponto que Jason Rutter e Gregory Smith (2005) observam um paradoxo: em etnografias não virtuais, é aceitável x etnógrafx tentar banalizar seu papel de pesquisadorx, assim encorajando as pessoas no entorno a esquecer que “está ali” fazendo pesquisa e a vê-lx simplesmente como uma pessoa qualquer. A questão para x etnógrafx virtual, porém, é diferente: “como ser visto como uma pessoa ou como um pesquisador quando você nem pode ser visto?” (RUTTER; SMITH, 2005, p. 88). Em relação à questão de como revelar o papel de pesquisadorx para xs usuárixs de uma comunidade ou grupo de discussão online, Luis Paulo Leopoldo Mercado (2012, p. 172) observa: “Cabe ao pesquisador a decisão ética de apresentar-se ou não como tal para os membros da comunidade virtual. Sugere-se que o pesquisador informe aos membros da comunidade que está inscrito na lista de discussão, bem como apresente a proposta de pesquisa”.

Porém, o fato dx pesquisadorx visibilizar-se, revelando abertamente sua presença e apresentando a pesquisa, não é necessariamente tão transparente e simples. Rutter e Smith (2005, p. 89) frisam algumas dificuldades criadas pela natureza dinâmica dos âmbitos virtuais, em que novxs usuárixs chegam e usuárixs mais antigxs saem de modo contínuo e imprevisível. Portanto, mesmo ao publicar uma postagem anunciando sua presença, não existe a garantia da mensagem ser lida, particularmente pelas pessoas recém-chegadas. Por outro lado, fazer tais postagens com alta frequência na tentativa de garantir que sejam lidas pode destoar da modalidade de interação característica do site pesquisado, assim alienando e/ou irritando xs outrxs usuárixs. Adicionalmente, muitxs autorxs advogam identificar-se como pesquisadorx no perfil; porém, não tem garantia de xs usuárixs visualizarem o perfil, e isso injustamente coloca toda a responsabilidade nxs usuárixs em vez de nx pesquisadorx.

Levando em conta essas diversas questões éticas, pretendemos adaptar nossas maneiras de nos identificarmos como pesquisadora e explicar a pesquisa dependendo das especificidades dos âmbitos online pesquisados. Para aplicativos e sites de encontros, pode ser mais apropriado nos identificarmos como pesquisadora no perfil e depois reiterar isso e explicar a pesquisa por mensagem instantânea dentro da plataforma. No caso do DinkyOne, porém, ao criar o perfil, a plataforma só

permite marcar caixinhas preestabelecidas – não tem campos livres para escrever informações –; por isso, a identificação como pesquisadora e a explicação da pesquisa terão que ser feitas por mensagem individual no chat com cada usuárix. Se, na fase de ampliação da pesquisa para outras plataformas, optarmos por pesquisar páginas de discussão dentro de redes sociais como Facebook (por exemplo, a página “Nenhum pau é pequeno demais para ser amado”), pode ser mais apropriado nos apresentarmos para xs moderadorxs, pedir sua permissão para participar e explicar a pesquisa no nosso perfil e nos comentários postados, sempre tentando participar ativamente em vez de só ler as postagens de outras pessoas. Para blogs, pode ser mais apropriado escrever para xs blogueirxs, identificando-nos como pesquisadora, explicando a natureza da pesquisa e pedindo permissão para analisar as postagens. Enfim, será sempre necessário adaptar a maneira de se apresentar, de interagir e de pedir permissão para o uso dos dados, dependendo da plataforma online específica em questão. Reiteramos que, devido às especificidades dos espaços online, não serão usados formulários impressos tradicionais de consentimento, já que poderiam obrigar xs usuárixs a perder o anonimato total que a internet oferece. Pediremos permissão via mensagens eletrônicas através das plataformas digitais pesquisadas.

Durante e após a realização das etnografias online, pretendemos analisar os dados gerados, realizar apresentações em congressos e encontros acadêmicos e escrever artigos para periódicos, compartilhando essas publicações com xs usuárixs das plataformas pesquisadas. Para o detalhamento temporal dessas atividades, ver o cronograma abaixo.

4.1 Riscos

O presente projeto de pesquisa não envolve riscos físicos. Caso o anonimato do/a participante não for preservado, poderia envolver danos psicológicos associados com a exposição online. Já que o pênis pequeno não é somente desvalorizado, mas também frequentemente motivo de piada e chacota na sociedade cisheteronormativa, se um dos participantes da pesquisa tiver sua identidade revelada, poderia resultar em ridicularizações da parte de seus pares. Isso, por sua vez, poderia levar a danos emocionais/psicológicos, tais como diminuição da autoestima, sentimentos negativos sobre o corpo (ou intensificação de tais sentimentos já presentes), depressão e assim por diante. Porém, como foi explicado na metodologia, faremos tudo o que for possível para garantir o anonimato: mudar os nomes dos/as participantes, mesmo se já forem pseudônimos ou *nicks* criados para as plataformas online; omitir ou mudar quaisquer outras informações pessoais que possam ser usadas para identificar ou rastrear as pessoas (e.g. lugar de moradia, local de trabalho, lugares que a pessoa frequenta, nomes de outras pessoas mencionadas durante a entrevista etc.). Desta maneira, espera-se que o risco de exposição da pessoa seja minimizada, visando preservar seu bem-estar psicológico.

4.2 Benefícios

A pesquisa não envolve benefícios materiais ou físicos, mas pode eventualmente trazer alguns benefícios psicológicos. Na nossa sociedade cisheteronormativa, ter o pênis pequeno é visto como uma falta de masculinidade e virilidade (VIGARELLO, [2012] 2013), o que resulta em preconceitos e *body-shaming*, que, por sua vez, podem levar a depressão, ansiedade etc. Já que o estudo visa a problematizar a valorização cisheteronormativa do pênis grande e combater o preconceito, participação nele pode contribuir para desenvolver ideias mais positivas sobre o corpo (*body-positivity* ou “corpositividade”).

5. Cronograma

O presente projeto está previsto para ser realizado em 36 meses, de agosto de 2020 a julho de 2023, de acordo com o cronograma abaixo.

Ano 1 – 2020.2 / 2021.1												
Atividade	Ago 20	Set 20	Out 20	Nov 20	Dec 20	Jan 21	Fev 21	Mar 21	Apr 21	Mai 21	Jun 21	Jul 21
Refinamento do projeto e apreciação ética em pesquisa	x	x	x									
Levantamento bibliográfico, aprofundamento teórico e fichamento	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Estudo de ferramentas metodológicas e analíticas que possam vir a ser usadas na pesquisa	x	x	x	x	x	x	x	x				
Etnografia virtual e geração de dados, 1ª etapa: no site/aplicativo DinkyOne			x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Levantamento de outras plataformas para a 2ª etapa da etnografia virtual									x	x	x	x
Reuniões de acompanhamento de estudantes de IC (bolsistas e voluntários)	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x
Ano 2 – 2021.2 / 2022.1												
Atividade	Ago 21	Set 21	Out 21	Nov 21	Dec 21	Jan 22	Fev 22	Mar 22	Apr 22	Mai 22	Jun 22	Jul 22
Levantamento bibliográfico, aprofundamento teórico e fichamento	x	x	x	x	x	x						
Etnografia virtual e geração de dados, 2ª etapa: nas outras plataformas levantadas durante Ano 1	x	x	x	x	x	x	x	x	x			
Análise de dados da 1ª etapa	x	x	x	x	x	x						
Análise de dados da 2ª etapa										x	x	x
Apresentações em congressos locais, nacionais e internacionais							x	x	x	x	x	x
Escrita de artigos para periódicos										x	x	x
Reuniões de acompanhamento de estudantes de IC (bolsistas e voluntários)	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x
Ano 3 – 2022.2 / 2023.1												

Atividade	Ago 22	Set 22	Out 22	Nov 22	Dec 22	Jan 23	Fev 23	Mar 23	Apr 23	Mai 23	Jun 23	Jul 23
Análise de dados da 2ª etapa	x	x	x									
Apresentações em congressos locais, nacionais e internacionais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
Escrita de artigos para periódicos	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
Redação do relatório											x	x
Reuniões de acompanhamento de estudantes de IC (bolsistas e voluntários)	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x

6. Referências

- BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação**: performances íntimo-espetaculares de si. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
- BORBA, Rodrigo. Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo (RS), v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Trad. F. S. Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [2015] 2018.
- _____. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do 'sexo', 1ª ed. Trad. V. Daminelli; D. Y. Françoli. São Paulo: n-1 edições/ Crocodilo Edições, [1993] 2019.
- _____. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade, 4ª ed. Trad. R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2012.
- _____. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad. S. Lamarão e A. M. Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [2009] 2015.
- _____. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Trad. R. Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, [2005] 2015.
- CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Trad. F. B. M. Fernandes. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, [2005] 2013.
- COUTO, Walter; MORELLI, Fábio; GALINDO, Dolores; SOUZA, Leonardo Lemos de. Práticas sexuais em geolocalização entre homens: corpos, prazeres, tecnologias. **Athenea Digital**, vol. 16, n. 2, 2016, p. 169-193.
- ERICKSON-SCHROTH, Laura; MITCHELL, Jennifer. Queering Queer Theory, or Why Bisexuality Matters. **Journal of Bisexuality**. Londres, v. 9, n. 3-4, p. 297-315, 2009.
- FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: Subsídios ao trabalho em Educação Sexual. 3a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- GUSTAVSON, Malena. Bisexuals in Relationships: Uncoupling Intimacy from Gender Ontology. **Journal of Bisexuality**. Londres, v. 9, n. 3-4, p. 407-429, 2009.
- HALBERSTAM, Jack. **Masculinidad Femenina**. Trad. J. Sáez. Madri: Egales, [1997] 2008.
- HARRINGTON, Kate; LITOSSELLI, Lia; SAUNTON, Helen; SUNDERLAND, Jane (orgs). **Gender and Language Research Methodologies**. Hampshire e Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2008.
- HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage, 2000.
- _____. (org.) **Virtual Methods**: Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.
- KIMMEL, Michael. **Angry White Men**: American Masculinity at the End of an Era, 2ª ed. Nova Iorque: Bold Type Books, 2017.
- LEANDER, Kevin M.; McKIM, Kelly K. Tracing the Everyday 'Sittings' of Adolescents on the Internet: a strategic adaptation of ethnography across online and offline spaces. **Education, Communication & Information**, vol. 3, n. 2, julho, p. 211-240, 2003.
- LEE, Susie. The History of Online Dating From 1695 to Now. **Huffpost**. Publicado 14 de fevereiro de 2016, atualizado 6 de dezembro de 2017. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/timeline-online-dating-fr_b_9228040 (acesso 7/8/2020 às 11h20).
- LEWIS, Elizabeth Sara. **"Acho que isso foi bastante macho pra ela"**: Reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de pegging. 333f. Tese (Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016a.
- _____. Do "léxico gay" à Linguística *Queer*: desestabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias *Queer*. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 47, n. 3, p. 675-690, 2018.
- _____. Pegging, masculinities and heterosexualities: How narratives of men who enjoy being penetrated by women can contribute to queering the hidden homosexual norm in Queer Studies. In: VITERI, M. A.; PICQ, M. L. (orgs.) **Queering Paradigms V**: Queering Narratives of Modernity. Oxford: Peter Lang, 2016b. p. 239-263.
- _____. Teoria(s) *Queer* e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa. In: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago (orgs). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2017, p. 157-186.

- LIVIA, Anna; HALL, Kira (orgs). **Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality**. Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.
- MARCUS, George. **Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography**. Houston: Annual Reviews, Inc., 1995.
- MELO, Glenda; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set/dez 2014.
- MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, vol. 13, n. 30, p. 169-183, set/dez 2012.
- MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (orgs). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.
- _____. Gêneros e sexualidades nas práticas discursivas contemporâneas: desafios em tempos queer. In: PÁDUA, A. (org). **Identidades de gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2008, p. 13-20.
- _____. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá (UFF)**, v. 27, p. 33-50, 2009.
- _____. (org). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- _____. Prefácio: Linguagem e escola na construção de quem somos. In: FERREIRA, A. J. (org). **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: Práticas Pedagógicas em Sala de Aula de Línguas e Formação de Professores/as**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012, p. 9-12.
- NEUMANN, Tina M. Deaf Identity, Lesbian Identity: Intersections in a Life Narrative. In: LIVIA, Anna; HALL, Kira (orgs). **Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality**. Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 1997, p. 274-286.
- NOGUEIRA, Gilmaro. **Caças e Pegações Online: Subversões e reiterações de Gêneros e Sexualidades**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.
- ROCHA, Damião; COELHO, Marcos Irondes. Manda Nudes: os *crush* gays nos aplicativos *fast* foda de relacionamentos. **REBEH**, vol. 1, n. 4, p. 5-17, out/dez 2018.
- RUSSELL, Stephen T. Bisexuality and Adolescence. **Journal of Bisexuality**, vol. 11, n. 4, p. 434-438, 2012.
- RUTTER, Jason; SMITH, Gregory W. H. Ethnographic Presence in a Nebulous Setting. In: HINE, Christine (org). **Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet**. Oxford: Berg, 2005, p. 81-92.
- SANDERS, Teela. Researching the Online Sex Work Community. In: HINE, Christine (org). **Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet**. Oxford: Berg, 2005, p. 67-79.
- SANTOS, Daniel dos. **“Até pra ser gay tem que ser homem”**: discursos de resistência nas práticas de si em aplicativos geossociais. 54f. Monografia (graduação em Letras Português-Inglês,) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.
- VERGUEIRO, Viviane. Um breve glossário transfeminista. In: MACEDO, E.; RANNIERY, T. (orgs). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2017, p. 201-212.
- VIGARELLO, Georges (org). **História da Virilidade, vol. 1: A invenção da virilidade, da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, [2012] 2013.
- WARD, Jane. Dude-Sex: White Masculinities and ‘Authentic’ Heterosexuality Among Dudes Who Have Sex With Dudes. **Sexualities**, vol. 11, n. 4, p. 414-434, 2008.
- _____. **Not gay: sex between straight white men**. Nova Iorque e Londres: New York University Press, 2015.

7. Anexo 1 – roteiro pré-entrevista para consentimento livre e esclarecido

Passo 1 – apresentar a pesquisa de maneira resumida e em linguagem acessível:

Bom dia / boa tarde / boa noite, me chamo Elizabeth e sou professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Me cadastrei neste site porque estou fazendo uma pesquisa online na área de Letras/Linguística sobre masculinidades e a estigmatização do pênis pequeno na nossa sociedade. Participar na pesquisa envolve fazer uma entrevista online, trocando mensagens via chat. Você acha que pode ter interesse em participar? Responder que “sim” não é um compromisso – podemos trocar algumas mensagens para tirar dúvidas primeiro.

Passo 2 – se a pessoa responder dizendo que pode ter interesse em participar, explicar mais detalhes sobre a pesquisa e o funcionamento da entrevista, perguntar novamente se ela tem alguma dúvida ou receio e responder a quaisquer dúvidas que ela tiver.

Passo 3 – se, após as mensagens de esclarecimento, a pessoa afirmar que tem interesse em participar da entrevista, mandar a mensagem seguinte:

Muito obrigada pelo interesse na pesquisa. Me comprometo a respeitar sua privacidade e garantir a confidencialidade de suas informações pessoais. Só lembrando que vou usar um pseudônimo (apelido) no lugar do seu nome, e vou omitir qualquer informação que possa ser usada para te identificar (como nomes de locais de trabalho, moradia ou lazer; nomes de membros da família, amigos/as, colegas; etc.). Também queria lembrar que, se você mudar de opinião, você pode desistir da pesquisa em qualquer momento. Você aceita participar da entrevista e afirma que é maior de idade?

Passo 4 – se a pessoa responder que aceita, tirar uma captura de tela das mensagens com o aceite e iniciar a entrevista.

8. Anexo 2 – roteiro entrevista semi-estruturada

Obs. A entrevista será semi-estruturada, portanto, dependendo do conteúdo das respostas dos/as participantes, outras perguntas não presentes no roteiro inicial poderão ser acrescentadas, a ordem das perguntas abaixo pode ser alterada, e/ou algumas das perguntas abaixo podem ser descartadas.

Tópico 1: o uso do site/aplicativo

- Pode me contar um pouco sobre como você conheceu este site/aplicativo e por que começou a usá-lo?
- Como está sendo a sua experiência no site/aplicativo? Está conseguindo falar com eventuais parceiros/as e ter boas conversas? Tem passado por algum tipo de preconceito (sobre o tamanho do pênis ou outra questão)? Como compara com suas experiências em outros sites/aplicativos, caso já tiver usado?
- *(Pergunta a escolher dependendo da foto de perfil da pessoa)* À diferença de outros sites e aplicativos que eu vi, muitas pessoas aqui optam por não usar foto de perfil...
 - Por que você optou por não usar? /
 - Por que você optou por não mostrar o rosto na foto de perfil? /
 - Por que você optou por usar foto de perfil, mostrando o rosto?

Tópico 2: Valorização ideológica do pênis grande e estigma do pênis pequeno

- Você pode falar um pouco sobre por que você acha que a sociedade valoriza tanto o pênis grande?
- O tamanho do pênis tem alguma coisa a ver com a masculinidade ou virilidade da pessoa? Para você, o que faz uma pessoa ser masculina ou viril?
- Que tipo de estereótipo sobre pênis você costuma ouvir?
- *(Se a pessoa respondeu, em tópico 1, que usa o site/aplicativo devido ao tamanho do seu pênis)* Você já passou por alguma situação de preconceito ou estigma por causa dessa questão? Se for, como você lidou com isso?
- *(Se a pessoa respondeu, em tópico 1, que procura relações com pessoas com pênis pequeno)* O que te fez perceber que prefere ter relações envolvendo esse tamanho? O que acontece quando você fala sobre essa preferência para amigos/as ou parceiros/as?
- Você acha que o estigma ou valorização de certos tamanhos de pênis tem relação com sexualidade, identidades raciais, classe social etc.?
- O que você acha que podemos fazer para mudar esse estigma? Você acha que o site/aplicativo está ajudando nisso?